

## **MODALIZAÇÃO X OPINIÃO: ANÁLISE DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Alcione Tereza Corbari (UNIOESTE)

Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)

### **1 Breve contextualização da pesquisa**

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida para se sondar o potencial de argumentação em textos produzidos por alunos do Ensino Médio. Busca-se entender, nesse contexto, o papel dos elementos modalizadores na demarcação de posicionamentos perante uma determinada temática e no processo de convencimento do interlocutor. Orienta a produção de textos a proposta apresentada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2008, que aborda a importância da floresta Amazônica para o ciclo hidrológico da América Latina.

A proposta apresentada guia o estudante para a produção de um texto dissertativo-argumentativo, propício à construção de estratégias de argumentação, requerendo do produtor um posicionamento sobre o tema abordado. Os textos foram desenvolvidos por meio da noção de rascunho e versão final, mediante intervenções de correção, após ter sido trabalhada temática e estrutura do texto dissertativo em sala de aula. Neste trabalho, pretende-se fazer algumas considerações a partir de uma análise da versão final produzida pelos estudantes.

### **2 Argumentação X Modalização: em busca da adesão do leitor**

Seguindo a orientação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50), tem-se que o objetivo de toda argumentação “é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”. Para os autores, toda argumentação pressupõe um acordo entre orador (autor) e seu auditório (leitor), que é viabilizada por meio da argumentação do orador (autor). Para que esse acordo se efetive e responda eficazmente às intenções envolvidas no processo de produção do texto, pode-se recorrer a estratégias linguísticas diversas. Dentre elas, destacamos o importante papel desempenhado pelos elementos modalizadores, aqui entendidos

como expedientes linguísticos atualizados no texto para expressar o relacionamento do produtor com o seu texto (KOCH, 2002, CASTILHO; CASTILHO, 1992, NEVES, 1996), por um lado, e com o interlocutor (NEVES, 2006, PARRET, 1988), por outro.

Tomamos para análise neste trabalho as seguintes categorias (KOCH, 2002; CASTILHO; CASTILHO, 1992; NEVES, 2006): (1) *modalizadores deônticos*: pertencentes ao eixo do dever, indicam que o falante considera o conteúdo proposicional como um estado de coisas que deve ocorrer obrigatoriamente; (2) *modalizadores epistêmicos*: referem-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que o falante tem de um estado de coisa. Consideramos, ainda, os subgrupos (CASTILHO; CASTILHO, 1992) (2.1) *modalizadores asseverativos* – indicam que o falante considera verdadeiro o que se apresenta no conteúdo proposicional – e (2.2) *modalizadores quase-asseverativos* – indicam que o falante considera o conteúdo expresso como próximo à verdade; (3) *Modalizadores afetivos*: verbalizam as reações emotivas do falante em face do conteúdo proposicional.

Quando atualizados, os elementos modalizadores podem garantir que o acordo entre os interlocutores (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), caro ao texto argumentativo, seja estabelecido. São elementos que apoiam os movimentos de apresentação e defesa de pontos de vista.

Nesse sentido, motivados pelo “projeto de dizer” do produtor do texto, “os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a construir, em virtude dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos” (KOCH, 2003, p. 17). Os elementos modalizadores, nesse contexto, são atualizados para que a interlocução seja estabelecida, respondendo às intenções do produtor de intervir no enunciado e mesmo na enunciação, já que procura agir também sobre o interlocutor.

### **3 Análise do *corpus***

Numa análise inicial (CORBARI; SELLA, 2010) do *corpus* desta pesquisa, vimos que, em geral, a versão final do texto retrata a dificuldade de os alunos lidarem com o texto argumentativo. Essa dificuldade vai desde a falta de traquejo com o tema, passa pela não-adequação do texto à proposta e chega à dificuldade

mesma de se posicionar, de apresentar uma tese e de buscar argumentos que a sustente.

Nessa análise, uma característica recorrente ficou em evidência: em média, cerca de 50% da extensão dos textos é preenchida por sequências expositivas<sup>1</sup>, contexto em que o estudante apresenta ao leitor informações relativas ao assunto em discussão, retiradas dos textos estudados em sala. Ou seja, não há, nesses casos, o posicionamento explícito do produtor do texto, como ocorre no interior das sequências argumentativas – que, em geral, são predominantes em textos de opinião.

Os fragmentos apresentados abaixo, retirados dos textos que constituem o *corpus*, são representativos da sequências expositiva e argumentativa, respectivamente:

*Geophysical Research Letters, fala que além do aquecimento global, a destruição da floresta amazônica também pode levar à chamada SAVANIZAÇÃO, processo no qual o clima quente e úmido típico da Amazônia dá lugar a um clima quente e seco característico do cerrado. Nesse clima, a vegetação densa da floresta tropical não sobrevive e sede o lugar a savana<sup>2</sup>.*

*Talvez essa medida sirva para controlar o desmatamento, mas não acabar com o mesmo. sendo assim, tomar outras medidas é fundamental para que se acabe o desmatamento.*

Ao recorrer à sequências argumentativa, o estudante toma um posicionamento, mesmo que seja ancorado em leituras anteriores. Sua atitude não é neutra, o que, de certa forma, exige que argumentos sejam apresentados para que a posição tomada se mostre sustentável. Já ao atualizar sequências expositivas, recorrendo a informações que retira de textos lidos, acaba se apresentando apenas como um locutor que dá a conhecer ao leitor um determinado fato, sem se posicionar a respeito dele. Nesse sentido, “o discurso se organiza em função da referência ao tema: não há marcas diretas da enunciação; não há avaliações subjetivas” (MILIAN, 2003, p. 174).

---

<sup>1</sup> Tomamos aqui o conceito de texto expositivo conforme proposto por Milian (2003). A autora inclui nessa categoria tanto os textos informativos, que “privilegiam o conteúdo sobre a situação de comunicação” (MILIAN, 2003, p. 161), quanto os textos explicativos, que “priorizam a situação comunicativa, na qual um emissor, que possui o saber, o torna acessível a um receptor, que não o possui” (MILIAN, 2003, p. 161).

<sup>2</sup> Os fragmentos textuais foram transcritos *ipsis litteris*.

Nos termos de Golder & Coirier (1994), as sequências expositivas, quando analisadas isoladamente, retratam um produtor que não consegue extrapolar o nível “pré-argumentativo”. E, mesmo considerando o texto como uma unidade global, observamos que a grande recorrência de sequências expositivas acaba enfraquecendo o potencial teor argumentativo do texto, já que tais sequências ocupam o lugar da argumentação propriamente dita.

Apesar de considerarmos que informações relativas ao assunto abordado possam ser relevantes para a argumentação, no sentido de funcionarem como uma âncora para os posicionamentos tomados no decorrer do texto, é preciso destacar que, de forma recorrente no *corpus* investigado, a relação entre essa informação e a argumentação que se instaura (ou que se poderia instaurar) não é feita de forma explícita.

Essa bipartição informação x opinião nos é aqui cara porque observamos que tal conjuntura orienta o uso dos modalizadores, que podem se apresentar mais ou menos argumentativos, conforme estejam ambientados em sequências expositivas (em que são atualizadas informações sobre o tema abordado) ou argumentativas (em que são pontuadas opiniões sobre esse tema). Tal hipótese, levantada em trabalho anterior (CORBARI; SELLA, 2010) será agora verificada.

O quadro abaixo apresenta as formas de lexicalização da modalização mais recorrentes no interior das sequências expositiva e argumentativa. Apresenta-se o número de ocorrência de cada uma das formas de lexicalização, considerando-se os tipos de modalização investigados.

Seq. Expositivas		Epistêmico		Deontico	Afetivo
	Verbo ter (de/que)	-		0	-
	Verbo dever	0		0	-
	Verbo poder	21		5	-
	Advérbio em <i>-mente</i>	asseverativo	quase- asseverativo	-	1
		1	2		
	Par é + adjetivo	0	1	0	0
	<b>TOTAL</b>	<b>25</b>		<b>5</b>	<b>1</b>

Seq. Argumentativas	Verbo ter (de/que)	-		11	-
	Verbo dever	2		50	-
	Verbo poder	13		14	-
	Advérbio em <i>-mente</i>	asseverativo	quase- asseverativo	-	1
		3	1		
	Par é + adjetivo	0	2	7	1
	<b>TOTAL</b>	<b>21</b>		<b>82</b>	<b>2</b>

No que tange ao eixo epistêmico, observa-se pouca diferença no número de ocorrências quando comparadas as sequências expositivas (25) às argumentativas (21). Em ambos os casos, a forma de lexicalização predominante é o verbo poder, conforme exemplificado abaixo:

Seq. Exp.	(1) As árvores evaporam bastante água. <b>Podem</b> evaporar até mesmo mais que os oceanos. Uma árvore <b>pode</b> evaporar 300 litros de água.
Seq.Arg.	(2) Hoje, há um fiscal para uma área, do tamanho da Suécia, como <b>podemos</b> perceber que é muito pouco.

Em (1), observa-se que o uso dos elementos modalizadores não foi decisão do estudante, que os reproduzem do texto-fonte (não explicitado). Trata-se da voz da ciência, que não pode asseverar o conteúdo da mensagem por se tratar de uma estimativa de fenômenos que ocorrem atualmente. Tais modalizadores podem contribuir para a argumentação instaurada no texto na medida em que criam um ambiente propício para certas asseverações, relacionadas, por exemplo, com a ideia de que é urgente a promoção de ações efetivas para que o desmatamento não mais ocorra na Amazônia. No entanto, conforme já se observou, na grande maioria dos casos, o aluno não faz um relacionamento explícito da informação com a opinião, o que acaba, de certa forma, fragmentando o texto e enfraquecendo seu teor argumentativo.

Essa falta de conexão não é observada no recorte (2), trazido para exemplificar as ocorrências do verbo *poder* em sequências argumentativas. Percebe-se, nesse fragmento, que o produtor recorre a informações (apresentadas no início do período), mas, após sua apresentação, encadeia uma opinião, uma

interpretação pessoal para o fato relatado. O produtor busca não se responsabilizar em afirmar uma solução que não é “certa”. Assim, recorre ao mundo da possibilidade – reforçado, inclusive, pela expressão “temos chances de” –, incluindo o interlocutor na discussão proposta ao usar a primeira pessoa do plural. Trata-se, portanto, de uma estratégia de modalização muito mais ligada à interlocução estabelecida do que ao conteúdo da mensagem, que contribui para angariar a confiança do interlocutor e, assim, convencê-lo da validade da tese defendida.

As outras formas de lexicalização da modalidade epistêmica seguem, de forma geral, as características já apresentadas com relação ao modal *poder*, com exceção dos modalizadores asseverativos. Estes, conforme já explicitado, revelam a certeza com relação ao conteúdo da mensagem, e, com isso, compromete o produtor do texto com relação àquilo que enuncia. Trata-se da “absolutização” da certeza (NEVES, 2006), garantida pelo conhecimento que o produtor do texto tem de certa realidade.

Com relação às sequências expositivas, foram observadas 4 ocorrências de modalizadores dessa categoria, nenhuma das quais são de responsabilidade dos produtores, mas retiradas de outros textos lidos.

Por essa ser uma estratégia recorrente quando se pretende agir sobre o outro por meio da linguagem, já que a asseveração ajuda a estabelecer o processo de interpelação do leitor para que este aceite o conteúdo da mensagem como certo, esperava-se que esse tipo de modalização fosse recorrente nas sequências argumentativas. Essa expectativa que não foi satisfeita, já que se observaram apenas 3 ocorrências da modalização epistêmica asseverativa, representadas pelo recorte (3):

Seq.Arg.	(3) A ideia mais sensata seria <b>certamente</b> o aumento das fiscalizações, pois assim, se as leis não fossem obedecidas, poderiam ser aplicadas grandes multas à quem desafiasse as leis, aprovadas e impostas, á favor do território amazônico.
----------	---

Como se pode observar, trata-se de uma forma mais incisiva de demarcar opinião, o que pode contribuir para traçar o perfil argumentativo do texto. A falta dessas marcas contribui para deixar a argumentação muito mais tênue do que o desejável. A pouca ocorrência desse tipo de modalização pode estar relacionada à falta de segurança apresentada pelos alunos na abordagem do tema dado à

análise. Embora o assunto do texto tenha sido trabalhado em sala, observou-se dificuldade dos alunos em compreender o ciclo hidrológico possibilitado pela floresta Amazônica e mesmo de perceber a necessidade de preservação da floresta para que tal ciclo seja preservado.

Já com relação ao eixo deôntico, como esperado, verificamos um número muito baixo (5) de modalizadores dessa natureza nas sequências expositivas e um número elevado (75) nas sequências argumentativas. Isso porque, conforme já explicitado, a modalização deôntica situa-se no eixo do dever, é responsável por apresentar obrigações, estabelecer condutas esperadas. Assim, não é comum que apareçam em momentos em que a informação está em evidência. Quando ocorre, é interpretada como “é permitido”, retratando certa realidade que o produtor julga conveniente informar ao leitor, mas não especificamente uma tomada de posição:

Seq. Exp.	(4) As empresas que alugam estas terras, só <b>poderão</b> ser empresas brasileiras e essas empresas só <b>poderão</b> alugar pedaços da Amazônia de 15, 30, 45 mil hectares e cada hectare tem o prazo de 40 anos de contrato com o ciclo de corte de 30 anos.
--------------	---

Já nos recortes que apresentam sequências argumentativas, há um posicionamento do produtor do texto, que delega obrigações:

Seq. Arg.	(5) Então para que a máquina de chuva não para de funcionar nos <b>devemos</b> começar preservando a floresta Amazônica.
--------------	--

A ocorrência acima mostra um produtor que delega obrigações ao grupo de cidadãos brasileiros, no qual se inclui. Pode-se dizer que a própria proposta do ENEM/2008, seguida na produção de textos, deixa antever a recorrência da modalização deôntica nos textos, já que o cenário proposto abre espaço para a atualização de elementos do campo do dever.

No entanto, apesar do número significativo de ocorrências deônticas no interior das sequências argumentativas, chama a atenção o fato de mais de um terço delas não delegar a nenhuma instância (jurídica ou civil) as obrigações apresentadas. Para tanto, são usadas estratégias como a indeterminação do sujeito – e.g. **deve-se acabar com o desmatamento imediatamente** – ou a evidência da necessidade posta em detrimento do responsável por cumpri-la – e.g. *Esse desastre ambiental **deve** ter um fim imediato*. Além disso, há que se observar que outros

expedientes linguísticos são atualizados de modo a atenuar a força da obrigação imposta, como é o caso do emprego de certos tempos e modos verbais – e.g. *todos deveriam estar conscientes de que a Amazônia é uma grande fonte de vida para todo o território brasileiro.*

Essa característica recorrente de não-explicitação do responsável pela obrigação expressa pode estar ligada ao fato de o problema referenciado ser um tanto quanto distante da região Sul. Apesar de se ter debatido sobre o assunto, os alunos mostraram ainda dificuldade em compreender o que, de fato, precisa ser feito para que o desmatamento seja interrompido. Essa dificuldade resulta, ainda, no uso de “chavões”, que preenchem o espaço que deveria ser ocupado por uma reflexão, ou na dificuldade de desenvolver o parágrafo de forma a explicitar como exatamente se deve agir.

Assim, embora se observe a recorrência da modalização deôntica no *corpus* investigado, parece que, em grande parte dos casos, as expressões dessa natureza acabam não sendo usadas de forma produtiva para a instauração da argumentação no texto.

Quanto à modalização afetiva, observou-se, conforme o esperado, pouca recorrência dessa estratégia no interior das sequências expositivas, já que, nesse contexto, o produtor não exprime opinião de forma direta. No único enunciado expositivo em que ocorre esse tipo de modalização, a avaliação posta não é de responsabilidade de produtor do texto, uma vez que está presente no texto-fonte citado.

Já nos espaços de argumentação, esperava-se que os elementos dessa natureza fossem atualizados de forma recorrente, uma vez que se trata de um espaço propício à verbalização de reações subjetivas do falante em face do conteúdo proposicional. O mapeamento mostra, no entanto, que apenas duas ocorrências foram verificadas, representadas pelo fragmento (6):

Seq. Arg.	(6) <b>É triste</b> saber que estamos conciente que a agua pode acabar em aqualquer momento e nao fazermos nada para que essa realidade possa a ser mudada.
--------------	---

Essa pouca ocorrência da modalização afetiva, mais uma vez, parece denunciar a dificuldade dos alunos de se posicionarem a respeito do tema, de



expressar uma opinião, o que, por sua vez, resulta em uma argumentação um tanto quanto frágil.

## 4 Algumas considerações

A observação de artigos de opinião escritos por especialista leva ao entendimento de que, no texto opinativo, a modalização assume importante função na medida em que mobiliza recursos linguísticos que viabilizam a defesa de pontos de vista e moldam o texto em função da aceitabilidade dos receptores, visando à formação de opiniões que se alinhem à orientação argumentativa explicitada no texto.

Porém, conforme se observou na análise dos textos que constituem o *corpus* dessa pesquisa, o simples fato de serem atualizados no texto não significa que o elemento modalizador esteja aí modelando um discurso propício ao convencimento. Uma análise inicial do *corpus* mostra que algumas estratégias de modalização que poderiam ser atualizadas para se pontuar opiniões (e.g. modalizadores afetivos e epistêmicos asseverativos) são pouco recorrentes. Além disso, há casos que demonstra que o estudante, embora tenha atualizado elementos que contribuem para a argumentação (e.g. modalizadores deônticos), nem sempre consegue explorar o seu potencial para criar o ambiente regulador esperado do artigo de opinião.

Essa análise inicial, no entanto, precisa ser ainda melhor explorada, considerando-se, inclusive, que fatores como a falta de conhecimento da temática proposta podem ser decisivos para que uma argumentação frágil se atualize. Nos textos investigados, essa falta de domínio do tema parece ser fator determinante também para que sequências expositivas aparecessem no texto de forma mais recorrente do que o esperado (as quais retratam, na grande maioria dos casos, cópia ou paráfrases de outros textos estudados) e de forma não explicitamente relacionada com a opinião defendida.

## REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Ataliba T. de; CASTILHO, Célia M. M. de (1992): Advérbios modalizadores. Em: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*, p. 213-260. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, v. 2.
- CORBARI, Alcione T.; SELLA, Aparecida Feola (2010): Processos de modalização em redações escolares: uma sondagem do potencial de argumentação de alunos do Ensino Médio. Em: *Anais da 13ª Jornada Regional e 3ª Jornada Nacional de Estudos Linguísticos e Literários*. Marechal Cândido Rondon. [no prelo]
- GOLDER, Caroline.; COIRIER, Pierre. (1994): Argumentative text writing: Developmental Trends. *Discourse Processes*, Nº 18, p. 187-210.
- KOCH, Ingedore V. (2002): *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Ed. Cortez.
- MILIAN, Marta (2003): Textos expositivos: el resumen. Em: CAMPS, A. (Org.). *Secuencias didácticas para aprender a escribir*, p. 161-178. Barcelona: Ed. Graó.
- NEVES, Maria H. de M. (2006): *Texto e gramática*. São Paulo: Ed. Contexto.
- \_\_\_\_\_ (1996): A modalidade: Em: KOCH, Ingedore V. (Org.) *Gramática do português falado*, p. 163-195. São Paulo: Ed. UNICAMP / FAPESP, 1996, v. 6.
- PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1988.
- PERELMAN, Cham; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (2005): *Tratado da argumentação*. A nova retórica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.